

PERCEPÇÕES URBANAS: AS REPRESENTAÇÕES DE SÃO PAULO NOS TEXTOS DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS E MÁRIO DE ANDRADE

Thaina Cardinali
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Estadual de Campinas
thainacardinali@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende acompanhar as representações da cidade de São Paulo elaboradas nos textos de Mário de Andrade (1893-1945), literato brasileiro, e Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo francês. Ambos os escritores se encontraram na capital paulista, na década de 1930, em decorrência da vinda de Lévi-Strauss ao Brasil para lecionar na recém fundada Universidade de São Paulo, e das atividades culturais desenvolvidas pelo Departamento de Cultura do município, dirigido por Mário de Andrade (1935-1938), cujos programas incentivavam a inclusão e colaboração dos docentes da Universidade paulista. Além da participação conjunta nas ações do Departamento de Cultura, frequentaram os mesmos espaços de sociabilidade promovidos pela intelectualidade paulista, tais quais, a sede do jornal *O Estado de S. Paulo*, as reuniões e palestras dos professores da USP e bem como dos docentes da Escola Livre de Sociologia e Política. Do convívio do antropólogo com o literato, restaram breves recordações registradas nas entrevistas de Lévi-Strauss, e produções escritas, nas quais ambos ensaiavam reconstituir a cidade, onde viveram. A São Paulo, captada pelas lentes de Mário de Andrade, será estudada a partir dos seus contos e crônicas, enquanto do antropólogo retiro suas descrições do livro de relatos de viagens, *Tristes Trópicos*. Apesar dos textos escolhidos serem elaborados em momentos distintos e acompanharem as preocupações e intencionalidades dos autores, trazem imagens da cidade, que ora se assemelham, ao retratar características comuns de São Paulo: cidade em desenvolvimento, aumento do contingente populacional, novas construções e mudanças nos traçados de ruas, avenidas e bairros; e por outro lado, se distanciam na maneira pela qual organizam seus registros, intimamente, relacionados a trajetória pessoal e profissional, e as suas experiências na cidade. Pretendo, assim, investigar esses encontros e desencontros das representações de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss e em que medida as suas imagens podem nos informar sobre a forma pela qual percebiam os espaços urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; Claude Lévi-Strauss; São Paulo.

URBAN PERCEPTIONS: THE REPRESENTATION OF SÃO PAULO ON THE WRITINGS OF CLAUDE LÉVI-STRAUSS AND MÁRIO DE ANDRADE

ABSTRACT

This paper goal is to discuss the representations of the city of São Paulo on the writings of Mário de Andrade (1893-1945), brazilian author, and Claude Lévi-Strauss (1908-2009), french anthropologist. They have met in the capital, on the 1930s decade, in the aftermath of Lévi-Strauss' travel to teach in the recently founded Universidade de São Paulo, as the cultural activities developed by the Departamento de Cultura, supervised by Mário de Andrade (1935-1938), had special programs that incentivized the collaboration with the teachers of the university. Beyond the joint participation in the culture department, they frequented the same sociability spaces promoted by the intellectuals of São Paulo, such as, the O Estado de S. Paulo newspaper offices, the reunions and lectures of USP teachers and the Escola Livre de Sociologia e Política. Their convivence left brief memories recorded by Lévi-Strauss, as well as a written production in which they invisioned a reconstruction of the city. São Paulo, captured by Mário de Andrade's lenses, will be researched through his tales and chronicles, while studying the anthropologist's travel description book, Tristes Trópicos. Although the chosen works have been elaborated in different moments and follow the worries and intentions of the authors, they bring images of the city that sometimes resemble one another, by portray comun characteristics of São Paulo: a city in development, with populational increase, new buildings, construction sites and changes in the streets, avenues and neighborhoods; and in other moments gain distance in the ways in which they organize their records, deeply related with their personal and professional trajectories, and their experience within the city. Thereafter, I intend to investigate these meetings and mismatches in the representations of both authors and in which ways their images can contain the manner that they perceived the urban spaces.

KEY-WORDS: Mário de Andrade. Claude Lévi-Strauss. São Paulo.

NOS ENCONTRANDO COM AS CIDADES

Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro de uma loja; curioso com as mudanças em andamento, olhará pelas frestas de um tapume para ver o que estão fazendo do outro lado; imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casabre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiado estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado ou até mesmo proibido naquele determinado ponto da cidade; lembra-se de como era aquela rua quando, menino, a percorria para ir à escola ou quando, mais tarde, por ela passeava com a namorada; ou o famoso incêndio, o crime de que falaram todos os jornais, etc. (Argan, 1993: 232-233)

O historiador Giulio Argan, na passagem acima, incita seus leitores a refletirem sobre os percursos individuais que realizamos pela cidade e o quanto eles são responsáveis por estimular imagens visuais, auditivas e ainda mnemônicas sedimentadas nos nossos imaginários. Os percursos feitos diariamente entre a casa e o trabalho, os locais de lazer e/ou as residências dos parentes e amigos constroem as relações dos indivíduos com o espaço e estabelecem suas formas de perceber e conhecer a cidade. São caminhos que trazem a Argan a imagem dos quadros de Jackson Pollock, feitos na década de 1950, e cujos emaranhos de gráficos, linhas e traçados coloridos simulam, para o historiador, os percursos dos habitantes na cidade. Assim como as pinturas de Pollock, os quadros de Mark Tobey e os escritos de James Joyce, *Ulisses*, captam “a imagem do espaço urbano *real*”, com isso, entende que estes registros ao descreverem os “mapas do espaço-cidade” e o “ritmo do tempo urbano” dos indivíduos, evidenciam noções, desejos e comportamentos inconscientemente mobilizados pelos habitantes para viverem na cidade (Argan, 1993: 232).

As preocupações de Argan com o uso dos espaços urbanos pelos cidadãos e como eles vivem, usufruem e dão sentido as ruas, prédios e monumentos da cidade vão ao encontro dos seus questionamentos acerca da eficiência dos projetos urbanísticos. Seus textos reunidos no livro *História da arte como história da cidade* (1993) discutem os descompassos entre os planos urbanísticos modernos e as práticas individuais, e propõem, conseqüentemente, a reconciliação desses dois polos a fim de promover a aproximação dos habitantes dos espaços urbanos, então, gerenciados pelos interesses privados e econômicos (Argan, 1993: 236).

Pensar em maneiras de restituir a cidade aos indivíduos se tornou também um dos temas de investigação da filósofa francesa, Anne Cauquelin. No livro, *Essai de Philosophie urbaine* (1982), analisa as cidades a partir das “mémoires constituantes” (memórias constituintes), isto é, camadas de conhecimentos, opiniões, saberes, modos de agir e se comportar que se sedimentam, através dos tempos, nos espaços urbanos como, da mesma forma, nas falas e ações dos habitantes. Nestas finas películas de conhecimentos, que organizam as nossas formas de viver nas cidades, estão contidas, conforme entende a filósofa, os mitos de origem, as vontades individuais e coletivas bem como as práticas culturais dos indivíduos. A cidade, portanto, se manifesta nessas transmissões de memórias, as quais Cauquelin denominou de “doxa”, a opinião “urbana, vagabunda, alterável, variável que transporta os fragmentos de lembranças tanto históricas quanto pessoais”.¹

Ao estudar a importância das “doxas” ou melhor, das “memórias constituintes” na formação dos espaços urbanos, Cauquelin indica que as cidades não se constituem somente dos locais físicos, dos edifícios, das ruas ou das reformas urbanísticas, elas se estruturam também nos textos literários, nas experiências individuais e nos imaginários dos cidadãos. Exemplifica suas afirmações, retornando à Paris do século XIX, com intuito de mostrar que a imagem da cidade conservada até os dias atuais se deve aos planos do prefeito Haussmann, mas, sobretudo, aos romances de Zola, Balzac e Maupassant, que construíram, na ficção, locais de divertimento e trabalho assim como regiões pobres e decadentes, e outras ocupadas pela burguesia (Cauquelin, 1982: 32). Caminhar pelas trilhas das “memórias constituintes”, me permite adentrar à cidades a partir de uma abordagem íntima e afetiva, preocupada em acompanhar como os indivíduos que compartilham das experiências urbanas, sejam arquitetos, urbanistas, engenheiros, literatos, jornalistas ou ainda os moradores locais, constroem suas representações dos lugares vivenciados, as quais carregam signos, referências e percepções comuns da cidade.

Aproveito das leituras de Cauquelin que sugerem uma aproximação das cidades por meio das “doxas”, das lembranças bem como das experiências individuais e coletivas para apresentar os textos de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss, que se referem a cidade de São Paulo. Ambos os escritores constroem nas suas narrativas, imagens da capital paulista que além de representarem suas percepções da cidade que na década de 1930 se desenvolvia e crescia rapidamente, também expressam os contatos, relações e experiências deles no espaço urbano. São imagens que expõem formas de apreensão da cidade, intimamente, relacionadas as suas trajetórias pessoal e profissional e as inquietações inscritas no momento de produção dos textos. Ao propor o diálogo dos textos do literato e do antropólogo pretendo observar o trabalho minucioso dos autores para que suas imagens encontrem ressonância ao que viveram e experimentaram, e, por outro lado, se aproximem das construções imagéticas dos leitores.

A escolha pelo estudo das produções de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss, intelectuais importantes no cenário nacional e internacional, decorre do encontro deles na capital paulista, durante os anos de 1930. O jovem professor viajou ao Brasil em companhia da sua esposa, Dina Lévi-Strauss, com a proposta de lecionar na recém fundada Faculdade de

¹ Tradução livre do trecho: “ ‘la doxa’ urbaine, vagabonde, altérable, changeante, transportant les bribes de souvenir tant historiques que personnels”, e completa a autora, “intimement mêlé à l’écoute et à l’écrit, au moment qui atteste (mais quoi ? on l’a oublié) et aux mœurs” (Cauquelin, 1982 : 20).

Filosofia, Ciências e Letras da USP e, no período em que permaneceu aqui (1935-1938), conciliou as atividades acadêmicas com as pesquisas de campo junto à tribos indígenas e a participação em eventos, confraternizações e reuniões da intelectualidade paulista. Nas suas entrevistas feitas posteriormente, recorda-se dos encontros com Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, e Fernando de Azevedo, um dos autores do projeto de criação da Universidade de São Paulo; e também das reuniões, jantares e excursões com os integrantes do Departamento de Cultura, dentre os quais cita os nomes de Mário de Andrade, diretor do órgão cultural (1935-1938), Sérgio Milliet e Rubens Borbas de Moraes (Sandroni, 2002: 238). Os estudos empíricos do casal Lévi-Strauss, que traziam dados e informações sobre os costumes e modos de vida das tribos nativas, chamaram a atenção dos intelectuais paulistas, particularmente, de Mário de Andrade interessado em estudar as tradições nacionais e as origens do povo brasileiro. A partir das pesquisas etnológicas, o literato e seus colegas conheciam os costumes dos antigos habitantes das terras brasileiras e, do mesmo modo, ancoravam suas análises sobre a(s) identidade(s) nacional. O destaque dado a estes estudos por Mário de Andrade e sua equipe contribuiu para a introdução do antropólogo nos espaços culturais de São Paulo, assim como garantiu a inserção de Dina Lévi-Strauss junto as atividades do órgão cultural, pois além de ministrar um curso de etnografia, em 1936, para funcionários municipais, professores e alunos das instituições de ensino superior, no ano seguinte, ficou responsável, conjuntamente com Mário de Andrade, da coordenação da Sociedade de Etnologia e Folclore vinculada ao Departamento.

O interesse dos escritores pelos estudos folclóricos e culturais os aproximou, como, da mesma forma, outros fatores colaboraram para o encontro deles na capital paulista: os projetos político-culturais pensados pelos intelectuais próximos a Júlio de Mesquita Filho, que levaram a criação da Escola Livre de Sociologia e Política (1933), e da USP (1934); as negociações entre o governo do estado e a federação a fim de garantir a autonomia política e econômica de São Paulo; e os programas de desenvolvimento científico entre as instituições de ensino francesas e aquelas do Brasil, que viabilizaram, na década de 1930, a vinda dos professores franceses para lecionar na Universidade de São Paulo.² Cabe lembrar que aos fatos políticos, somam-se as transformações diárias da cidade, tais quais, o aumento do contingente populacional, crescimento urbano, novas construções e reestruturação de bairros, praças, ruas e avenidas. Tais acontecimentos atravessam os convívios de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss em São Paulo, e, são descritos e/ou mencionados nas suas produções, seja para demarcar o espaço-tempo das histórias ficcionais, seja para situar o contexto histórico dos eventos narrados pelo antropólogo.

Apesar das imagens do antropólogo e do literato retratarem a cidade num mesmo período e apontarem algumas das tensões políticas, mudanças urbanas e atividades culturais vivenciadas, são representações que revelam ainda as relações singulares de cada autor com a capital paulista bem como as diferenças presentes no momento de produção das suas obras. Mário de Andrade, que viveu grande parte da sua vida em São Paulo, a descreve nos contos e crônicas³ em estreito diálogo com o que observava, lia e apreendia da cidade. Os caminhos cotidianos as sedes dos jornais, casas editoriais, divisões do Departamento de Cultura e as residências dos colegas; as leituras de jornais, revistas e textos literários; e a participação em reuniões e grupos de estudos permitiam ao literato descobrir a cidade, onde vivia, e ao mesmo tempo, instruir seu olhar para perceber, identificar e reconhecer os elementos urbanos. Suas descobertas da cidade, atravessam o período de escrita dos textos literários elaborados, concomitantemente, ao que presenciava, enxergava e era debatido nos espaços intelectuais de São Paulo. Portanto, suas narrativas se constroem em estreito diálogo as suas experiências íntimas, afetivas e sensíveis na capital paulista.

Claude Lévi-Strauss, por sua vez, narra as vivências em São Paulo quase vinte anos após a estadia no Brasil, no livro de relatos de viagens, *Tristes Trópicos* (1955). A obra alterna narrativas autobiográficas, a viagem ao Brasil, os problemas enfrentados para fugir da França, durante a Segunda Guerra, e o exílio nos Estados Unidos, com descrições etnográficas das tribos indígenas do centro-oeste brasileiro e a visita as cidades do Paquistão e da Índia na década de 1950. Seus relatos de São Paulo distanciados das experiências apresentam requícios dos contatos com alunos e professores da USP e das atividades profissionais enquanto morou na cidade, mas, sobretudo, evidenciam o espaço urbano resgastado por entre lembranças difusas e fragmentadas. A distância temporal que recobre os textos do antropólogo é fundamental para a construção de uma cidade, não mais vista e acompanhada diariamente, e sim, resultado de memórias dispersas que se misturam a esquecimentos, lembranças de outros lugares visitados assim como inquietações presentes no tempo da escrita: as críticas em relação ao desenvolvimento tecnológico da sua civilização, os ressentimentos causados pela guerra e a percepção dos estragos culturais sofridos pelas sociedades nativas. As construções imagéticas de São Paulo intercalam as memórias – e o seu par inseparável, o esquecimento⁴ – da estadia na cidade com os sentimentos e posicionamentos críticos do antropólogo formados ao longo dos anos que antecedem a produção do livro. Dessa forma,

² Cito alguns trabalhos que tratam das tramas políticas, as quais envolvem o encontro de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss. Sobre a formação da Universidade de São Paulo e da Escola Livre tem-se a coletânea organizada por Sérgio Miceli, *História das Ciências Sociais no Brasil* (2001), onde destaco o texto de Fernando Limongi, "Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo"; acerca das revoltas paulistas e suas negociações com o governo de Getúlio Vargas, seleciono o artigo de Vavy Pacheco Borges e Ilka Cohen, "A história como palco: os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932" (2004). E enfim, sobre os acordos científicos entre a França e o Brasil, desde o começo do século XX, utilizo o livro organizado por Amélia Hamburguer, M. Dantes, Michel Paty e Patrick Petitjean, *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1930)* (1996).

³ Delimitei para o estudo de Mário de Andrade as crônicas e contos presentes nas obras *Os Filhos da Candinha* (1943) e *Contos Novos* (1947), uma vez que trabalhei com este conjunto documental na minha dissertação de mestrado, *A Triste Paulicéia – A imagem de São Paulo na década de 1930, no diálogo entre Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss*, pesquisa financiada pela Fapesp. A partir desta escolha documental, almejo mostrar uma das diversas possibilidades de analisar as relações do poeta com a sua cidade natal.

⁴ Como referência para as discussões acerca da memória e o esquecimento, trabalho com dois textos da historiadora Jacy Seixas, *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais* (2001) e *Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória* (2002).

seus relatos se revestem de um tom negativo, melancólico e preocupado com o desenvolvimento acelerado da capital paulista.

As imagens de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss guardam semelhanças entre elas, quanto lembro do encontro deles na capital paulista e dos esforços em reconstituir, nos seus textos, as experiências e convívios, e os símbolos comuns da cidade – crescimento acelerado, transformações cotidianas do cenário urbano, e aumento da população e do contingente de imigrantes; por outro lado, elas conservam particularidades, que acompanham as relações íntimas, pessoais e profissionais dos autores com a cidade bem como o momento de elaboração das suas narrativas. Esses encontros e desencontros das suas representações serão o ponto de ligação para a exposição das obras de ambos os autores, onde pretendo ainda observar o quanto as especificidades e diferenças das suas imagens indicam as formas pelas quais apreendem e se inserem nos espaços urbanos.

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Apresento as contruções imagéticas da cidade de São Paulo em dois textos de Mário de Andrade, numa crônica divulgada, originalmente, no jornal *Diário Nacional* em 1931, e que, posteriormente, sofreu alterações para a publicação no livro *Os Filhos de Candinha* (1943); e num conto, o “Primeiro de Maio”, escrito entre 1934 e 1942, que compõe a obra *Contos Novos* impressa, no entanto, postumamente. A primeira característica que destaco nestas narrativas é o seu tempo de elaboração, os dois textos, por exemplo, levaram quase dez anos até a finalização. O longo período de escrita, de idas e vindas nos manuscritos, e correções da versão já impressa, no caso da crônica, proporciona ao literato a oportunidade de aprimorar seu trabalho, refazê-lo e sobretudo, estruturá-lo de acordo com as percepções urbanas formadas cotidianamente. O intervalo temporal que atravessa a confecção dos seus textos literários se torna importante para a elaboração das imagens de São Paulo, uma vez que nelas estão contidas uma série de conhecimentos, experiências, opiniões, relações individuais e profissionais bem como debates políticos e artísticos acompanhados pelo autor, que se sobrepõem, através dos anos, no seu imaginário. São, portanto, aprendizados e formas de perceber a cidade utilizados para compor as representações da capital paulista e criar diálogos entre as histórias narradas e a vida dos leitores - também conhecedores das referências partilhadas pelo literato.

Os textos de Mário de Andrade convidam seus interlocutores a aventurar-se nos cenários imaginados. Narrativas que ao pontuarem os percursos das linhas de ônibus, locais comerciais, pontos específicos, como a Praça do Correio, a Estação da Luz e os parques municipais, e tipos urbanos que circulam nessas localidades, transportam o leitor para reconhecer-se na cidade, onde presencia ou já presenciou cenas e indivíduos semelhantes aos narrados, ou ainda imagina que tais situações ocorram em São Paulo. Dessa forma, os roteiros do literato conduzem os leitores a percorrer junto com as personagens a cidade descrita e os dilemas enfrentados pela experiência urbana, construídos, minuciosamente, com o intuito de os envolver nas tramas ficcionais.

Começo, então, os percursos literários por São Paulo com a crônica, “O termo itinerário ou trecho de antologia”, onde Mário de Andrade enseja reconstituir o itinerário feito da sua casa, na rua Lopez Chaves, Barra Funda, até a Praça do Correio. Durante o caminho realizado dentro do ônibus, o narrador descreve os lugares por onde transitava e o que sentia em relação à eles, e devaneia acerca das possíveis mudanças do trajeto percorrido. O ato corriqueiro de levar um embrulho ao Correio suscita na personagem inúmeras lembranças, pensamentos dispersos e emoções, que se manifestam conforme o ônibus passa por ruas, avenidas, edifícios e trabalhadores apressados. Nesta viagem afetiva por São Paulo, Mário de Andrade não apenas narra um itinerário habitual, mas, principalmente, nos inscrite à acompanhá-lo no seu itinerário. Convido, assim, a adentrarmos a sua cidade a partir dos fragmentos da crônica:

Saí desta morada que se chama O Coração Perdido⁵ e de repente não existi mais, perdi meu ser. Não é a humildade que me faz falar assim, mas que sou eu por entre os automóveis! Só na outra esquina tive um pouco mais de gratidão por meus pesares e me vi. Estava com dois embrulhos na mão.

(...)

O ônibus corria pela rua das Palmeiras e assim que as letras francesas se recusaram a me ilustrar mais, fixando-se em “Congo Belge”, fechei os olhos pra não ler. Mas é tão desagradável andar de automóvel com os olhos vendados! (...) Abri de novo os olhos e fui vendo o que é viajar. Árvore, tabuleta, casa, rua, e Nós, os fabulosos.

Nesta linha de ônibus há uma encruzilhada fecunda em que uns rumam para a praça do Patriarca, outros seguem para o Correio. Quando vou chegando lá, meu ser inteiro se apaixona, há coisa mais volúvel que automóvel! (...)

Nisto pensava com lentidão majestosa quando o ônibus parou na praça do Correio. Saltei como a primavera. No geral, quando o auto está chegando ao destino, tomo sempre as minhas precauções pra ser o primeiro a saltar, mas desta vez estava tão entregue a mim que até me assustou a chegada. (...)

Eu saudava os que riam pra mim, cedia passagem às damas, tinha piedade dos pobres, recusava bondosamente os vespertinos que os jornaleiros me davam, tomei ar de impaciência bem-humorada contra a leve nuvenzinha de poeira, quando o guarda me fez parar. (...) Eu deixava passar os veículos, cedia espaço a novas senhoras e octogenários, compreendia os desocupados e me sentia vaidoso desta nossa humanidade. E como é suave registrar embrulhos no Correio... Esse ar apressadinho de trabalho, a irritação servil dos funcionários, a fatalidade imponente da compra de selos da Nação...

⁵ Segundo João Gonçalves, organizador do livro *Os Filhos da Candinha*, Mário de Andrade usa o termo “O coração perdido” como referência à sua casa na rua Lopez Chaves, Barra Funda.

Criados varem o edifício. Várias pessoas escrevem cartas pros antípodas, os repórteres buscam avidamente assuntos com que encher os jornais de azedume aprazível. (...). (Andrade, 2008: 82-84)

No decorrer da passagem, o narrador relata o caminho feito até a Praça do Correio, intercalando referências de locais da cidade com sensações, impressões do que observava e características dos indivíduos com os quais cruzava. Este olhar atento aos fatos urbanos e ao mesmo tempo, descontraído, de um lado, simula as experiências urbanas dos cidadãos e, do outro, trabalha com signos comuns aos habitantes que, assim como o poeta, andam, percorrem, se aventuram e informam-se diariamente sobre a sua cidade. A riqueza de detalhes e o trabalho cuidadoso da descrição, a fim de reproduzir o máximo de referências do trajeto, instigam os leitores a flanarem pela cidade plural, movida por automóveis, ônibus, transeuntes e profissionais liberais, e repleta de situações e personagens adversos, aspectos também salientados no próximo texto, o conto “Primeiro de Maio”.

A narrativa integra o conjunto de contos publicados no livro *Contos Novos*, que tem como principal característica enredos pautados na “dimensão psíquica e afetiva da relação indivíduo/mundo” (Paulillo, 1980: 73). Os textos reunidos na obra exploram conflitos emocionais e psicológicos das personagens, os quais se relacionam com as vivências pessoais, problemas familiares e/ou sentimentos despertados nos deslocamentos pelo espaço urbano. No caso do conto “Primeiro Maio”, esta relação “indivíduo/mundo” se manifesta entre o protagonista, um carregador de malas da Estação da Luz, o 35, e a cidade de São Paulo, retratada por entre as lembranças, emoções e vontades da personagem. Os laços afetivos e profissionais, e os engajamentos políticos de 35 conduzem a forma pela qual apresenta a cidade e seus itinerários percorridos. Mostrar a capital paulista pelos olhares do carregador de malas também convida os leitores a introduzir-se nos espaços narrados, uma vez que Mário de Andrade se apropria de situações, localidades e grupos sociais que não apenas situam espacialmente o enredo, mas, sobretudo, caracterizam a vida da personagem bem como de tantos outros moradores, trabalhadores e cidadãos paulistanos.

O diálogo da personagem com os espaços, em que frequenta, se estabelece a partir das atividades profissionais, a função de carregador de malas da Estação da Luz; ofício, aliás, que o protagonista tenta se afastar para participar das comemorações do Primeiro de Maio. Decidido a celebrar o dia do trabalhador, o 35, ao contrário do seus colegas, não vai trabalhar a fim de aproveitar a ocasião para festejar ao lado dos trabalhadores. No entanto, ao sair de casa não sabe para onde ir nem o que fazer, já que os comércios estavam fechados e a polícia se espalhava pelas ruas, avenidas, parques e centros de convenção para evitar manifestações de trabalhadores. À procura de um local para celebrar, 35 caminha pela cidade e quando se atenta, descobre que refazia, inconscientemente, os trajetos diários entre a sua residência e o local de trabalho. Ao chegar na Estação de Luz, cumprimenta os colegas, que lhe “tiram sarro” por querer comemorar o dia do trabalho; irritado com a postura dos seus companheiros, 35 sai em busca de um jardim da cidade para ler o jornal e decidir sua programação. Novamente, percebe que se encaminhava para um espaço próximo ao seu trabalho, o jardim da Luz, pois era o local “que ele conhecia, os lados em trabalhava e se entendia mais” (1999: 45).

A incansável busca da personagem por espaços, onde pudesse celebrar, a guia por uma cidade deserta e vigiada pelos policiais, o que lhe provoca a conjecturar sobre uma possível revolta dos trabalhadores. Cria, assim, roteiros imaginários dos lugares por onde passaria a multidão enfurecida de trabalhadores, e ao projetá-los, nos traz revelações do seu passado. O carregador de mala imagina, então, o que aconteceria na cidade:

Pois estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proibira comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente de motins de-tarde no Largo da Sé [...] Mas a Polícia permitira a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho, no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado! A sensação foi claramente péssima. Não era medo, mas por que a gente havia de ficar encurralado assim! É! É pra eles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão)! Não vou! não sou besta! Quer dizer: vou sim! Desaforo! (palavrão), socos, uma visão tumultuária, rolando no chão, se machucava mas não fazia mal, saíam todos enfurecidos do Palácio das Indústrias, pegaram fogo no Palácio das Indústrias, não! a indústria é a gente, “operários da nação” pegavam fogo na igreja de São Bento mais próxima que era tão linda por “drento”, mas pra que pegar fogo em nada! (O 35 chegara até a primeira comunhão em menino...), é melhor a gente não pegar fogo em nada; vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do Governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele. Pronto. Isso o 35 consentiu, não porque o tingisse o menor separatismo (e o aprendido no grupo escolar?) mas nutria sempre uma espécie de despeito por São Paulo ter perdido a revolução de 32. Sensação aliás quase de esporte, questão de Palestra-Coríntians, cabeça inchada, porque não vê que ele havia de se matar por causa de uma besta de revolução diz-que democrática, vão “eles”! (Andrade, 1999: 46-47)

Por entre as descrições da revolta dos trabalhadores, 35 recorda-se de locais da cidade e fatos históricos, que marcaram a sua vida. São lembranças da infância, a comunhão na igreja São Bento, do grupo escolar, da perda na “revolução de 32” e dos jogos do Palestra-Coríntians, que se sobrepoem aos lugares imaginados, e expõem as suas relações com São Paulo pautadas na afetividade, ressentimentos políticos, atividades recreativas e ainda na sua atuação profissional. Estas múltiplas maneiras de se envolver com os espaços urbanos, as quais Mário de Andrade narra nos seus textos, me levam a refletir sobre a sua própria experiência na cidade. Assim como o carregador de malas ou o narrador da crônica que representam São Paulo a partir das experiências pessoais, afetivas e profissionais, Mário de Andrade também a percebe com o auxílio das suas vivências.

Os detalhes apresentados nas narrativas, que vão desde a descrição dos trajetos percorridos até a utilização de elementos da cidade para caracterizar as personagens, evidenciam como o literato se apropria das experiências urbanas, das leituras e de símbolos comuns de São Paulo para criar enredos verossimilhantes para quem os lê. O trabalho de escrita de quase uma década, corrigindo e alterando a crônica tanto quanto o conto possibilita a aprimoração da sua escrita, mas também

das representações da cidade formadas através dos anos. O conceito de “doxas” de Cauquelin, ou seja, as “memórias constituintes” presentes nos locais e nas falas dos habitantes que estruturam as nossas formas de perceber e viver na cidade, se torna essencial para pensar as produções de Mário de Andrade. Suas narrativas carregam imagens da cidade partilhadas no momento de produção dos seus textos: preocupações em retratar o crescimento urbano, a movimentação de ruas e avenidas, com seus transeuntes apressados e automóveis velozes, os ressentimentos pela derrota paulista na “revolução de 32” assim como personagens que simbolizem a segregação social da cidade, por exemplo, o carregador de malas que era apartado de determinadas localidades e “aprisionado” ao seu trabalho. Esses olhares de Mário de Andrade construídos para viver e se orientar em São Paulo, fornecem os enredos dos seus textos literários, que, por sua vez, dialogam com as referências e imaginários dos leitores. Não ao acaso, seus textos ao narrarem, detalhadamente, os itinerários e laços afetivos e emocionais das personagens convidam seus interlocutores a se reconhecerem na cidade narrada, da qual compartilham os mesmos referenciais, desejos, vontades e construções imagéticas.

A SÃO PAULO MELANCÓLICA DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS

As representações de São Paulo do antropólogo francês se encontram na obra de relatos de viagens, *Tristes Trópicos*.⁶ O livro escrito décadas após a estadia no Brasil, conjuga com um momento muito particular da sua vida tanto pessoal quanto profissional. Nos anos que antecem a escrita, Lévi-Strauss passou por inúmeras dificuldades, sendo algumas delas, decorrentes da Segunda Guerra: os problemas enfrentados na viagem à América do Norte, como as ameaças sofridas na Ilha de Martinica e a detenção de quinze dias em Porto Rico relatadas nos capítulos iniciais de *Tristes Trópicos*; o exílio nos Estados Unidos (1941-1948); e as preocupações, na chegada à América, com os parentes e colegas intelectuais, que tentavam escapar das perseguições e do controle do exército alemão, que havia invadido o território francês desde 1940. Com o fim da guerra, resolve, então, voltar definitivamente para a França, em 1948, onde passa ainda por dificuldade financeiras, frustrações profissionais: a recusa da sua candidatura no Collège de France, em 1949 e 1950; e a morte do pai, em 1953.

A sucessão de acontecimentos demarca o momento pelo qual atravessava antes de produzir o livro, e que será retomada nesta obra, cuja proposta era refletir sobre as expedições à campo e também suas experiências pessoais. Conforme Lévi-Strauss recorda-se na entrevista de 1991, em *Tristes Trópicos* havia a intenção de aplicar a técnica narrativa “olho de peixe”, que consiste em “mostra[r] não só o que está a frente, mas também o que está atrás da câmera. Portanto, não é uma visão objetiva de minhas experiências etnológicas, é um olhar para mim mesmo vivendo essas experiências” (À Porpos de *Tristes Tropiques*, 2008: 01:04:50mim apud WILCKEN, 2011: 206). A obra, que vinha na linha contrária das outras produções do antropólogo voltadas, então, para os estudos acadêmicos, se propunha a expor as reflexões, questionamentos, comentários críticos do que foi a viagem aos trópicos assim como quais problemas enfrentou para chegar até as tribos nativas, tema principal do livro. Este duplo aspecto do texto que ora se apresenta como um relato autobiográfico ora uma descrição etnográfica dos lugares e sociedades que visitou, torna-se evidente nos manuscritos deixados no seu acervo na Biblioteca Nacional da França. As primeiras partes do livro dedicadas a vinda ao Brasil, os problemas pessoais e profissionais enfrentados durante a viagem e a estadia aqui, e o encontro com as cidades brasileiras, Lévi-Strauss as escreve, corrige e refaz diversas vezes, enquanto que para as descrições das tribos indígenas, que ocupam mais da metade da obra, ele reaproveita das anotações dos diários de campos e dos textos já publicados, que são recortados e adequados à obra. A sutil diferença depositada nos seus manuscritos, nos provoca a pensar o quanto as descrições de São Paulo, que compõe o livro, intercalam lembranças das experiências vividas, notícias de jornais guardadas, anotações dos cursos da USP e fotografias tiradas pela cidade, com comentários do autor sobre o que foi sua vivência na capital paulista.

A cidade de São Paulo recriada na sua narrativa não é, portanto, aquele espaço frequentado diariamente, ela aparece por entre recordações, anotações guardadas e, sobretudo, reflexões inscritas no momento de produção de *Tristes Trópicos*: ressentimentos provocados pela guerra e inquietações frente ao desenvolvimento da sua civilização, que destruída sociedades nativas e culturas, como percebeu nas expedições junto as tribos brasileiras, as quais diminuíam e/ou desapareciam, ao longo dos anos, vítimas do alcoolismo, doenças, perda de território e confrontos com os “homens brancos”. Estas emoções, descompassos com a sua sociedade e ainda memórias fragmentadas da estadia em São Paulo atravessam as narrativas da cidade, assim, a constrói, intimamente, relacionada as suas preocupações e sentimentos melancólicos. Dessa forma, as representações da capital paulista seguem trajetórias e sinalizam elementos distintos daqueles elaborados por Mário de Andrade, uma vez que o olhar do antropólogo se desloca para apontar – criticamente – o crescimento da cidade e o ritmo acelerado das transformações urbanas; aspectos ressaltados, aliás, em comparação com o desenvolvimento das cidades europeias, seu referencial.

As descrições de São Paulo, começam, assim, com a célebre frase que abre o capítulo: “Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização”, e acrescenta “Poder-se-ia, [...], aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do viço à decrepitude sem parar numa idade avançada”(1996:91). A partir desse início pouco amistoso, Lévi-Strauss tece comentários sobre as cidades do Novo

⁶ Cabe ressaltar que Lévi-Strauss ainda relatou sobre o período em que permaneceu no Brasil, em entrevistas concedidas ao longo da vida, e também em duas obras, uma que reúne as fotografias das expedições pelos arredores do estado de São Paulo e também das tribos indígenas do centro-oeste brasileiro, *Saudades do Brasil* (1994), e outra, particularmente, com as imagens feita na cidade de São Paulo, *Saudades de São Paulo* (1996). Essas produções, apesar de trazerem visões semelhantes aquelas apresentadas em *Tristes Trópicos*, não serão analisadas neste texto, na medida em que demandam uma observação atenta das fotografias e como o autor as organiza nos livros para consolidar seus posicionamentos e debates críticos.

Mundo, Chicago, Nova York e São Paulo, as quais imersas num processo constante de renovação de suas casas, prédios e bairros, nunca alcançarão, ao seu ver, um estágio “mais avançado” em que repousam as cidades do Velho Mundo. A princípio a renovação das metrópoles americanas não seria um problema para o antropólogo, “já que as cidades são novas e tiram dessa novidade sua essência e sua justificação, custo a perdoá-las por não continuarem a sê-lo” (1996:91). Seu espanto surge, então, ao perceber que as aglomerações urbanas do Novo Mundo se degradam tão rápido quanto foram construídas, assim logo após um edifício ou bairro serem erguidos já apresentam marcas do tempo, “esses grandes bibelôs fenecem: as fachadas descascam, a chuva e a fuligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda, [e] o ordenamento primitivo desaparece” (1996: 91-92).

Cidades como Chicago, Nova York e São Paulo repletas de construções feitas às pressas e ao mesmo tempo, mal executadas transmitiam uma sensação de irrealidade à Lévi-Strauss, pois pareciam-lhe simulacros. Se referindo a Chicago, cuja memória mais distante data dos anos 1880, o autor completa “a única antiguidade a que ele pode aspirar em sua sede de renovação é essa modesta distância de meio século, curta demais para servir à apreciação de nossas sociedades milenares mas que lhe dá, a ele que não pensa no tempo, uma ínfima oportunidade de se enternecer com sua juventude transitória” (1996:92) As cidades americanas, portanto, lhe incomodavam tanto pela falta de conservação do passado – ao contrário, dos núcleos urbanos europeus que envelheciam docemente -, quanto pela ausência de manutenção do presente, onde as más construções exibiam marcas e rachaduras assim como estilos “démodés”.

Após estabelecer comparações entre as cidades americanas e aquelas do Velho Mundo e apontar seus incômodos frente ao processo de desenvolvimento das aglomerações urbanas do Novo Mundo, Lévi-Strauss segue seus relatos, descrevendo as configurações espaciais de São Paulo e as transformações acompanhadas durante sua estadia. Descreve, assim, a organização da cidade, onde se atenta, primeiramente, para os percursos dos rios, como o do Tamandateí que cortava os “bairros populares” do Brás e da Penha, os quais mantinham, em meados dos anos 1930, “ruelas interioranas” e “largos”. Pela região norte de São Paulo, ainda acompanha o traçado do rio Tietê, que se deslocava até os loteamentos “pequenos-burgueses” de Perdizes e Água Branca. Na parte central da cidade, por sua vez, localiza o “centro de negócios”, composto pela praça da Sé, “a meio caminho entre o canteiro de obras e a ruína”, e o “famoso” Triângulo: “zona de comércio formada pela intersecção das ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro”, que abrigava uma “multidão de comerciantes e de funcionários que, com seus trajes escuros, proclamavam sua fidelidade aos valores europeus ou norte-americanos” (1996: 93).

Lembra-se ainda da região sudoeste de São Paulo, próxima a sua residência na rua Cincinato Braga, onde existiam colinas, que moldavam o formato das ruas e compunham o cenário; e também da avenida Paulista e das “suas residências outrora fastuosas dos milionários do último meio século, num estilo de cassino e de estação de águas” (1996: 94); ao final da avenida, no sentido leste, tem-se o bairro do Pacaembú, onde se construíam “desordenadamente mansões cúbicas ao longo de avenidas sinuosas”. Contrapondo às mansões e residências de alto padrão da região sul, descreve locais da cidade com “pastos de vacas”, “ribanceiras” e “casebres de taipa sobre estrutura de bambu”, onde habitavam a população negra. Estes contrastes são observados, igualmente, no centro, ao se deparar com o Vale do Anhangabaú, composto por edifícios (o Teatro Municipal, o Hotel Esplanada, o Automóvel Clube e os escritórios da Light) que “afrontam-se numa desordem imóvel”. Associa esta paisagem à “grandes manadas de mamíferos reunidos à noite em torno de um bebedouro [...], condenados, por uma necessidade mais premente que o medo, a misturar temporariamente suas espécies antagonicas (1996:95).

A longa e minuciosa descrição da cidade, finaliza com as recordações dos seus habitantes, a elite paulista, e as lembranças dos cursos e dos alunos da Universidade de São Paulo. No decorrer das suas construções imagéticas, percebe-se que Lévi-Strauss alterna a exposição dos espaços geográficos da capital paulista com comentários e impressões desses locais. São opiniões que se manifestam, sutilmente, por meio de metáforas e sobreposições de regiões e bairros, ao seu ver, contrastantes, mas também, se apresentam, em determinados momentos, explicitamente, nas associações, por exemplo, entre os edifícios do Vale do Anhangabaú e uma manada de animais. Suas maneiras de descrever a cidade, preocupadas em apontar os fenômenos contrastantes, ciclos acelerados de desenvolvimento e transformações urbanas cotidianas, se encontram, de um lado, com o sentimento que perpassa a obra *Tristes Trópicos*: os descompassos e a “atitude crítica” em relação a sua sociedade, pois percebe que quanto mais se distanciava da sua civilização, indo em busca de lugares e regiões distantes, mais se frustrava e se decepcionava, ao observar cidades, homens e culturas semelhantes às suas, ou ainda comunidades indígenas que desapareciam; e por outro lado, são representações da cidade que se relacionam com as próprias experiências e contatos do antropólogo em São Paulo.

Lévi-Strauss, quando chega ao Brasil, não havia realizado outras viagens e vem motivado para fazer pesquisas empíricas. Apesar das tentativas de conhecer e estudar a cidade, por meio dos cursos de sociologia na USP, onde solicitava aos alunos etnografias urbanas, e dos itinerários percorridos na companhia dos colegas paulistanos, dos professores da universidade ou do seu pai, com o qual tirava as fotografias, somente consegue observá-la “de longe”, “externamente”. A falta de conceitos e/ou ferramentas para interpretar e reconhecer os processos urbanos da capital paulista, uma vez que seus referenciais ancoravam-se nos “modelos” de cidades europeias, faz com as suas experiências em São Paulo lhe provoquem, constantemente, embates culturais e estranhamentos. São choques culturais que, longe de aproximá-lo da cidade, o recolocam no seu lugar e, portanto, reafirmam as distancias impostas entre o observador e objeto observado. Estas distâncias construídas ao viajante se sedimentam, através dos anos, no seu imaginário, ao mesmo tempo em que ganham novos contornos, conforme conhece outros lugares, enfrenta situações adversas e descobre sociedades nativas.

Assim, a narrativa de São Paulo em *Tristes Trópicos atualiza*⁷ as distâncias e lacunas das vivências do antropólogo, transformando-as em argumentos para ancorar o seu olhar melancólico e ressentido frente a sua civilização e aos processos acompanhados durante a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções imagéticas de Claude Lévi-Strauss e Mário de Andrade, ao serem analisadas separadamente, mostram formas distintas de descrever e perceber a cidade, que se relacionam com as suas trajetórias pessoal e profissional bem como com as referências apreendidas para viver nos espaços urbanos. O poeta paulista, que viveu grande parte da sua vida em São Paulo e frequentou diversos locais de sociabilidade, traz, nas suas narrativas, uma visão afetiva dos bairros e regiões da cidade, e também, atenta às situações e cenas observadas. O antropólogo francês, por sua vez, parte de outros pressupostos e preocupações para descrever a cidade, os quais vão ao encontro dos embates culturais, enfrentados desde a estadia na capital paulista, e do momento de produção de *Tristes Trópicos*. Seus textos apresentam, assim, maneiras de adentrar as cidades, que me permitem ainda refletir sobre as diversas “entradas conceituais”, as quais nos apropriamos para representar os lugares urbanos. As cidades, como alertava Cauquelin, se constituem, não somente na sua materialidade, e sim, a partir de lembranças, afetividades, construções literárias, hábitos e práticas cotidianas, desejos e vontades dos habitantes, mitos de origem, portanto, nas “memórias constituintes”. Essas finas películas de conhecimentos, que direcionam a forma com que percebemos a cidade, que ensaiei investigar nos textos de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Contos Novos. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999.
- _____. Os Filhos da Candinha. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BORGES, Vavy P. e COHEN, Ilka S. “A cidade como palco : os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932” IN PORTA, Paula (org.) História da Cidade de São Paulo, v. 3: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, 291-339.
- BRESCIANI, M. Stella M. “A Cidade. Objeto de estudo e experiência vivenciada”. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Vol. 6, nº 2, nov. 2014, 9-26.
- CAUQUELIN, Anne. Essai de Philosophie urbaine. Paris : Presses Universitaires de France, 1982.
- HAMBURGUER, Amélia I., DANTES, M. Amélia, PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. (orgs.) A ciência nas relações Brasil-França (1850-1930). São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. (org.) História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Editora Sumaré, 2001
- PAULILLO, M. Célia de A. Mário de Andrade contista. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira (FFLCH/USP). São Paulo, 1980.
- SANDRONI, C. “Mário, Oneida, Dina e Claude.” Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. nº 30, 2002, 233-245.
- SEIXAS, Jacy. “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais” IN BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (Orgs.) Memória e (re)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001, 37-58.
- _____. “Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória. IN SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Stella e BREPOHL, Marion. (Orgs.) Razão e Paixão na política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, 59-77
- WILCKEN, Patrick. Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

⁷ Recorro ao conceito de (re)atualização, que vem a partir dos estudos de memória, para entender as produções de Claude Lévi-Strauss. A historiadora Jacy Seixas (2001), ao analisar as noções de *memória involuntária* e *memória voluntária* de Proust, pontua que aquela guarda o “verdadeiro” fundamento da memória: a sua aparição repentina e desconexa, que surge e desaparece, independentemente, da nossa vontade. A memória, no entanto, ao aparecer – nestes lampejos bruscos, despertados por cheiros, sons ou cenas - acabar por se *reatualizar* no presente, isto é, revela um passado não acabado ou morto, mas “ativo e atual e, portanto muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado* no presente” (Seixas, 2001:46).